

04/04/2018

PLENÁRIO

HABEAS CORPUS 152.752 PARANÁ

V O T O

O SENHOR MINISTRO CELSO DE MELLO: Alguns pronunciamentos **manifestados** no dia de ontem (03/04/2018), **especialmente** declarações **impregnadas de insólito conteúdo admonitório claramente infringentes** do princípio da separação de poderes, **impõem** que se façam breves considerações a respeito desse fato, **até mesmo** em função da altíssima e digníssima fonte de que emanaram.

Tais **surpreendentes** declarações, **amplamente divulgadas** pelos meios de comunicação, **fazem recordar lamentável episódio histórico ocorrido** em nosso País nos pródromos da República, **quando** o Marechal Floriano Peixoto, **no exercício** da Presidência da República, **confrontado** pela impetração de “*habeas corpus*” (**HC** 300), por RUY BARBOSA, em abril de 1892, **perante** o Supremo Tribunal Federal, **em favor** de inúmeros pacientes, **entre os quais** o poeta parnasiano Olavo Bilac, **reage**, formulando **inadmissível ameaça** aos Ministros **deste** Alto Tribunal **que se traduziu – segundo versão registrada por historiadores** (EMILIA VIOTTI DA COSTA, “**O Supremo Tribunal Federal e a Construção da Cidadania**”, p. 37, 2ª ed., 2007, Ieje; MARCO ANTONIO VILLA, “**A História das Constituições Brasileiras**”, p. 133, 2ª reimpressão, 2011, Leya; LÊDA BOECHAT RODRIGUES, “**História do Supremo Tribunal Federal**”, tomo I, p. 18-19, 2ª ed., 1991, Civilização Brasileira; ALIOMAR BALEEIRO, “**O Supremo Tribunal Federal, esse outro desconhecido**”, p. 24/25, item n. 6, 1968, Forense) – **na seguinte afirmação a ele atribuída**: “*Se os juízes concederem ‘habeas corpus’ aos políticos, eu não sei quem amanhã lhes dará o ‘habeas corpus’ de que, por sua vez, necessitarão*”.

HC 152752 / PR

Em um contexto de grave crise **que afeta e compromete**, *de um lado*, os **próprios** fundamentos ético-jurídicos **que dão sustentação** ao exercício legítimo do poder político e **que expõe**, *de outro*, o **comportamento anômalo** de protagonistas relevantes **situados** nos diversos escalões do aparelho de Estado, **torna-se perceptível a justa, intensa e profunda indignação da sociedade civil perante** esse quadro deplorável de desoladora e aviltante perversão da ética do poder e do direito!

É **que se mostra intolerável** ao cidadão honesto, **que cumpre** os seus deveres e **que respeita** o império da lei, **viver** em uma sociedade moralmente corrompida e **na qual a realização** do bem comum, **longe de constituir** o objetivo primário dos exercentes das funções governamentais, **representa** encargo e obrigação ignorados, *quando não desprezados*, pelos detentores do poder!

A **corrupção governamental e a avidez criminosa** de empresários que a fomentam em benefício próprio **culminam por capturar** as instituições do Estado, **tornando-as reféns** de seus ilícitos e imorais propósitos, **deformando e subvertendo** o próprio sentido da ideia de República!

Em situações tão graves assim, costumam insinuar-se pronunciamentos **ou** registrar-se movimentos **que parecem prenunciar** a retomada, *de todo inadmissível*, de práticas **estranhas** (e lesivas) à ortodoxia constitucional, **típicas de um pretorianismo** *que cumpre repelir*, **qualquer que seja** a modalidade que assuma: *pretorianismo oligárquico, pretorianismo radical ou pretorianismo de massa* (SAMUEL P. HUNTINGTON, “**Pretorianismo e Decadência Política**”, 1969, Yale University Press).

A **nossa própria** experiência histórica **revela-nos** – *e também nos adverte* – **que insurgências de natureza pretoriana, à semelhança** da ideia metafórica *do ovo da serpente* (República de Weimar), **descaracterizam** a legitimidade do poder civil instituído e **fragilizam** as instituições

HC 152752 / PR

democráticas, **ao mesmo tempo em que desrespeitam** a autoridade suprema da Constituição e das leis da República!

Já se distanciam no tempo histórico **os dias sombrios** que recaíram sobre o processo democrático em nosso País, *em momento declinante das liberdades fundamentais*, **quando** a vontade hegemônica dos curadores do regime político então instaurado **sufocou**, *de modo irresistível*, **o exercício** do poder civil.

É preciso ressaltar que a experiência concreta **a que se submeteu** o Brasil no período de vigência do regime de exceção (1964/1985) **constitui**, *para esta e para as próximas gerações*, **marcante advertência** que não pode ser ignorada: **as intervenções pretorianas** no domínio político-institucional **têm representado** *momentos de grave inflexão* no processo de desenvolvimento e de consolidação das liberdades fundamentais. Intervenções castrenses, *quando efetivadas e tornadas vitoriosas*, **tendem**, *na lógica do regime supressor das liberdades que se lhes segue*, **a diminuir** (*quando não a eliminar*) o espaço institucional **reservado** ao dissenso, **limitando**, *desse modo*, **com danos irreversíveis** ao sistema democrático, **a possibilidade** de livre expansão da atividade política e do exercício pleno da cidadania.

Tudo isso é inaceitável, Senhora Presidente, **porque** o respeito indeclinável à Constituição e às leis da República **representa limite inultrapassável** a que se devem submeter os agentes do Estado.

Passo a examinar, *agora*, Senhora Presidente, **o mérito** da presente impetração, **cujá análise**, *no entanto*, **não envolverá** a apreciação do litígio penal **instaurado no Processo-crime** nº 5046512-94.2016.4.04.7000/PR. **E**, *ao fazê-lo*, **assinalo que a controvérsia jurídica** ora em julgamento, **resultante** dos debates **em torno** da extensão e abrangência da presunção constitucional de inocência, **tal como reconhecida** *pelo direito constitucional positivo brasileiro* (CF, art. 5º, inciso LVII), **consiste em definir-se o momento a partir do qual** a pessoa sob persecução criminal

HC 152752 / PR

pode ser legitimamente considerada culpada, especialmente para efeito de sua imediata submissão à prisão penal (“*carcer ad poenam*”), **tão logo esgotado** o duplo grau de jurisdição pelo pronunciamento, embora recorrível, de um Tribunal situado em segunda instância.

A parte ora impetrante, ao ajuizar a presente ação de “*habeas corpus*”, formulou, entre os diversos pleitos por ela deduzidos, **pedido objetivando** “a concessão da ordem para o fim de vedar a execução provisória da pena até decisão final, transitada em julgado, atinente ao processo-crime 5046512-94.2016.4.04.7000/PR, homenageando a cláusula pétreia prevista no art. 5º, inciso LVII, da Constituição da República” (grifei), **que assim dispõe:**

“Art. 5º (...):

.....
LVII – ninguém será considerado culpado até o trânsito em julgado de sentença penal condenatória;” (grifei)

Ao participar, no Plenário desta Corte, de julgamentos sobre essa questão, **expendi** algumas observações que tenho por necessárias e indissociáveis do tema em causa, **que se referem** às delicadas relações **entre** o poder persecutório e punitivo do Estado **e** o complexo de direitos e garantias de índole legal e constitucional que compõem, em nosso sistema normativo, o estatuto das liberdades fundamentais dos cidadãos da República.

Tenho enfatizado, em diversos votos que já proferi no Supremo Tribunal Federal, **que os poderes do Estado**, em nosso sistema constitucional, são essencialmente definidos e limitados pela própria Carta Política, “*E a Constituição foi feita para que esses limites não sejam mal interpretados ou esquecidos*” (HUGO L. BLACK, “*Crença na Constituição*”, p. 39, 1970, Forense).

HC 152752 / PR

Uma Constituição escrita – já o afirmei nesta Suprema Corte (RTJ 146/707-708, Rel. Min. CELSO DE MELLO) – não configura mera peça jurídica, nem representa simples estrutura de normatividade, nem pode caracterizar um irrelevante acidente histórico na vida dos Povos e das Nações.

Na realidade, a Constituição traduz documento político-jurídico da maior importância, cuja superioridade impõe-se à observância de todos, notadamente daqueles que exercem o poder político, destinando-se a proteger as liberdades, a tutelar os direitos e a inibir os abusos do Estado e daqueles que em seu nome atuam.

Torna-se essencial proclamar, por isso mesmo, que a Constituição não pode submeter-se à vontade dos poderes constituídos nem ao império dos fatos e das circunstâncias. A supremacia de que ela se reveste – enquanto for respeitada – constituirá a garantia mais efetiva de que os direitos e as liberdades jamais serão ofendidos. Ao Supremo Tribunal Federal incumbe a tarefa, magna e eminente, de velar para que essa realidade não seja desfigurada, pois – como ninguém o desconhece – todos os atos estatais que repugnem à Constituição expõem-se à censura jurídica (dos Tribunais, especialmente) porque são írritos, nulos e desvestidos de qualquer validade (v., a respeito, MARCELO REBELO DE SOUSA, “O Valor Jurídico do Acto Inconstitucional”, 1988, Gráfica Portuguesa).

Sabemos todos, Senhora Presidente, que a Constituição da República de 1988, passados quase 30 anos de sua promulgação, atribuiu ao Supremo Tribunal Federal um papel de imenso relevo no aperfeiçoamento das instituições democráticas e na afirmação dos princípios sob cuja égide floresce o espírito virtuoso que anima e informa a ideia de República.

Se é certo, portanto, Senhora Presidente, que esta Suprema Corte constitui, por excelência, um espaço de proteção e defesa das liberdades